

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADES NÃO FASCISTIZADAS: PENSAR NEGATIVAMENTE A DIALÉTICA NEGATIVA DE ADORNO

Marcelo Marconato Magalhães¹
Rafael Tavares Dias²

¹ Doutorando em Educação – UNESP. E-mail: marcelo.marconato-magalhaes@unesp.br

² Mestrando em Filosofia – UNESP. E-mail: rafael.t.dias@unesp.br

Filosofia e História da Educação no Brasil

Palavras-chave: Fascismo. Emancipação. Dialética Negativa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a pensar a relação entre a Educação e a superação do fascismo a partir da tese de que a Educação é o local privilegiado de formação de subjetividades não fascistizadas. Aventa-se, não raramente, que a Educação não mais contribuiria ao processo formativo dos indivíduos, argumentos sustentados a partir dos e pelos sucessivos ataques do mercado financeiro no atual estágio do capitalismo ao campo educacional. Embora tal diagnóstico contenha boa dose de verdade, ele não é, entretanto, totalmente verdadeiro. O pessimismo que ora toma conta do cenário educacional tem parte de suas raízes em Adorno que, denunciador do fascismo e da coisificação, faz do próprio pessimismo dialética negativa, incorrendo também neste. Não obstante, o próprio Adorno sustenta que a Educação é o lugar privilegiado da formação de subjetividades não fascistizadas e, ao insistir na autorreflexão crítica, realiza, contra sua própria interdição, síntese a partir de seu próprio pensamento: sustenta-se, neste trabalho, que é assim que se deve pensar negativamente a própria dialética negativa. O fascismo, ao contrário, é justamente um sistema de identidade que se pretende total quanto a seu objeto, isto é, força a identidade entre o conceito e a sua não-identidade frente à particularidade; a recusa do princípio de identidade é, portanto, a mesma recusa da violência fascista, pois o não-idêntico tem o seu lugar legítimo de existir. A subjetividade não fascistizada é, portanto, subjetividade não-idêntica, cuja formação é papel da Educação. Se a dialética negativa recusa qualquer síntese reconciliadora, então a recusa deve incidir também sobre ela mesma. Negá-la negativamente é o que a mantém fiel a si mesma e único modo de devolver à

Educação o que o pessimismo insiste em lhe retirar. A síntese possível, assim, é aquela que se mantém aberta a si mesma. Objetiva-se, a partir da Teoria Crítica conforme pensada por Adorno e pensando esta, evidenciar os potenciais emancipatórios da Educação, tema cuja relevância é tanto acadêmica, pela revisão de concepções pessimistas sobre a Educação, quanto social, diante do recrudescimento de tendências fascistizantes.

METODOLOGIA

Realiza-se investigação bibliográfica, de natureza teórico-conceitual. O principal corpo bibliográfico reúne a *Dialética Negativa*, principalmente, e a *Dialética do Esclarecimento*, os *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise* e o diálogo *Educação e Emancipação* de forma subsidiária. Propõe-se a leitura imanente de acompanhamento do movimento crítico do próprio texto adorniano até o ponto em que produz, sustenta-se, justamente o que proíbe, a síntese, de modo a argumentar a recusa do pessimismo que solapa os propósitos formativos.

ANÁLISE PARCIAL OU FINAL DOS RESULTADOS OBTIDOS

A análise aponta que toda a Educação, e não apenas a primeira infância, é capaz, em todos os seus níveis, de realizar a emancipação humana em seu processo histórico. Compreendê-la exige, porém, esclarecer antes como se constitui a subjetividade que se pretende formar, ponto em que Adorno recorre à psicanálise, para apreender as mediações internas ao indivíduo e as possibilidades emancipatórias que a Educação poderá cultivar. Para Adorno, o potencial negativo e mesmo emancipatório da psicanálise reside, justa e contraditoriamente, na gênese do ego a partir do dano e da estrutura traumática da experiência que se forma a partir do berço; componentes históricos concretos são mediados pela personalidade, inserem-se na primeira infância e deixam violentamente as marcas no inconsciente insurgente (ADORNO, 2015). O humano é, portanto, um sistema de cicatrizes, que somente poderiam ser integradas sob sofrimento, e nunca completamente. Essa incompletude é a reserva da não-identidade e salvaguarda contra a coisificação, que não alcança o todo do objeto, ainda que nisto insista. Toda a Educação, ainda que através de percalços, seguiu e segue formando subjetividades não totalmente fascistizadas, marca da efetivação de seus potenciais emancipatórios. A única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 1995), formando sujeitos capazes de suportar o

não-idêntico, contra a adaptação heterônoma que a indústria cultural exige e reproduz, na fraqueza do eu, como disposições autoritárias (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Se o fascismo é a própria realização política do princípio de identidade, então a sua superação só pode ocorrer a partir de cada subjetividade que a Educação forma como não-idêntica, e tal já é, em curso, derrota ao fascismo. Esse trabalho formativo tem correlato no proceder de Adorno, no qual a autorreflexão crítica, sustenta-se, converte-se em síntese, fazendo da negação determinada do existente e da Dialética Negativa pedagogia: não dizer o verdadeiro, mas dissolver o falso, para só então afirmá-lo. É a síntese negativa que a autorreflexão adorniana procurava, a que faz do próprio limite o seu material (ADORNO, 2009). A dialética negativa, assim, precisa ser pensada contra si mesma, para além do apego de Adorno ao materialismo sem imagens enquanto forma própria do resistir ao fascismo no elemento do pensamento: recusa de uma arte positiva da utopia, secularização da interdição teológica às imagens que não permite pintá-la positivamente, e esse é o teor de sua negatividade. A interdição da imagem é legítima contra o fascismo e a sua produção massiva de imagens positivas de um mundo que só se realiza como contrário do propagandeado. Torna-se ilegítima, contudo, ao querer-se desânimo e passar a negar a realização emancipatória possível: a Educação é a própria diferença desenvolvida enquanto efetividade histórica, concreta e permanente, de subjetividades formadas contra o fascismo e apesar dele. Recusar o pensar concreto em nome da pureza negativa é recair no idealismo que a dialética negativa diz combater, agarrando-se a um idealizado sem imagens em vez de pensar o mundo real. Reconhecer tal efetividade é, justamente, pensar negativamente a própria dialética negativa: acolher no realizado os potenciais emancipatórios que insistem em se realizar, ainda que parcialmente, posto que reais. Como contribuição à área, o estudo oferece saídas ao pessimismo na e da Educação, reconhecendo a formação como efetividade emancipatória em curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a dialética negativa negativamente é advertir a própria razão contra si mesma em nome de si mesma. Ao negar as sínteses como prática crítica, Adorno incorre justamente em síntese crítica, que insiste na superação do fascismo através da negação determinada e por vias da Educação emancipadora. Pensar Adorno para pensar o próprio Adorno é um dos caminhos

pelos quais a Educação se recupera do pessimismo e atua na concretude, abandonando a promessa de mundo reconciliado e trabalhando o existente real, incompleto e perenemente ameaçado, de formar subjetividades que não se rendem ao fascismo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.